

Investigador na área das viagens explica: por que razão ainda em 2021 não voltaremos a viajar como antes

- Este ano, a boa disposição dos turistas vê-se estragada por restrições às viagens, regiões de risco e proibições de entrada nos países.
- Será que no ano que vem tudo regressará um pouco ao normal?
- Christian Laesser, investigador na área das viagens, faz um prognóstico sobre como iremos viajar em 2021.



«As viagens intercontinentais regressarão, no melhor dos casos, em 2021 — e, mesmo assim, com limitações» — dizia já em Abril passado, numa entrevista ao [Neue Zürcher Zeitung](#), Christian Laesser, professor de Turismo da Universidade de St. Gallen, na Suíça. Na altura, a Europa inteira estava em confinamento. Desde então, muito se fez. Laesser fala nesta entrevista ao RND acerca da avaliação que faz da situação.



Christian Laesser é professor de Turismo na Universidade de St. Gallen, na Suíça. © Fonte: Laesser
Em Abril, disse numa entrevista que, no melhor dos casos, só em 2021 poderíamos voltar a fazer viagens intercontinentais — e, mesmo assim, com limitações. Qual é a sua avaliação hoje, passados cinco meses?

Permanece a mesma. Ainda vamos ter nos habituar a esta situação durante muito tempo e aprender a lidar com ela. Entretanto, tornou-se evidente que só poderemos voltar a viajar normalmente quando a

população mundial estiver vacinada ou se for possível levantar as quarentenas por as taxas de infecção serem idênticas em todo o lado. Meados de 2021 é sempre o melhor cenário — mas provavelmente será preciso mais tempo. Para as viagens intercontinentais, teria também de ser disponibilizada a oferta necessária, já que neste momento nenhuma companhia aérea arrisca proporcionar mais do que os voos intercontinentais estritamente necessários. Um exemplo: a Qantas não prevê realizar nenhum voo intercontinental até Junho de 2021.

Voltar a operacionalizar uma rede no plano intercontinental não é um exercício de pouca monta, é algo que precisa de tempo. Isso acontece porque as companhias aéreas, no que toca a estes voos, também têm de considerar os voos de ligação. Por este motivo, a Associação do Transporte Aéreo Internacional (IATA) pressupõe entretanto que antes de 2023 ou 2024 não alcançaremos a normalidade neste contexto. Estamos por isso a falar a médio prazo.

Muito bem, menos viagens de longo curso no ano que vem. Na sua opinião, como serão então as viagens em 2021?

O ano que vem será, do meu ponto de vista, um ano de transição — mas não acredito que seja um ano em vamos assistir a grandes mudanças nas viagens. Penso que existem dois cenários. O primeiro consiste em continuarmos a ter regras de quarentena que se vão alterando. Os períodos de quarentena passarão talvez a ser mais reduzidos, deixará possivelmente de haver países inteiros com acesso interdito, mas sim apenas regiões. Contudo, estas regras sempre em mudança continuarão a limitar a vontade de viajar. Ficamos assim nos locais onde estamos minimamente seguros ou viajamos para sítios de onde possamos regressar a casa autonomamente em 24 horas. Ou seja: as viagens de carro, naturalmente também no estrangeiro, continuam a ser atractivas.

VÍDEO

Restrições às viagens para mais regiões em onze países da UE

1:19 min



O governo alemão classificou mais regiões da UE como áreas de risco de coronavírus. © Reuters

O segundo cenário — e, para mim, o mais provável — seria: temos em todo lado valores de incidência a 14 dias superiores a 50 novas infecções por 100 000 habitantes. Contudo, uma vez que todos os países apresentarão estes valores, em princípio poderíamos levantar as regras de quarentena — excepto nos focos onde haja uma explosão dos números. Mas para tal precisamos também de mais testes e testes mais rápidos. Nestas condições, as restrições às viagens poderiam ser menores. Mas penso que as pessoas

manterão ainda alguma contenção, por exemplo, por receio de contrair doenças no estrangeiro ou devido às perspectivas económicas algo nubladas — quer seja devido à redução dos horários de trabalho ou à incerteza quanto aos rendimentos futuros. Tudo isto continuará a inibir a procura.

O que poderá mudar tudo é uma vacina — dependendo da sua eficácia e da rapidez de vacinação da população. Mas isso não me parece realista antes do final de 2021, também no que toca às capacidades de produção.

O Verão turístico de 2020 foi marcado por imagens impressionantes que mostravam extremos: algumas grandes atracções turísticas, como Veneza, estiveram praticamente vazias durante algum tempo e, noutros lugares, viam-se praias sobrelotadas e turistas sequiosos de diversão em Maiorca ou na Croácia. Por que razão por vezes temos tanta dificuldade em agir com sensatez quando estamos de férias?

Basicamente é o seguinte: alguns locais são tão atractivos que chamam muita gente. Contudo, cidades como Roma, Florença e Veneza estavam vazias — mas isso deveu-se essencialmente à falta do turismo intercontinental. Pelo contrário, as montanhas e as praias são destinos de descanso muito apreciados pelos europeus. No que toca aos turistas e às festas, acontece que existem alguns locais na Europa que atraem precisamente este tipo de turistas. Não foi no entanto esse o comportamento que se observou nos turistas em geral.

VÍDEO

Férias apesar do corona: o *Reisereporter* na ilha turística de Maiorca

4:02 min



No âmbito de um projecto-piloto, 10 900 turistas voaram para as Baleares para testar as férias com regras do coronavírus. Maike Geißler também participou. © Maike Geißler/RND

Fazer férias com sensatez é, no entanto, por princípio difícil. É que as férias são uma ocasião muito emotiva, uma situação especial. As pessoas querem permitir-se algum excesso. Acreditam que têm o direito a coisas a que, de outro modo, não podem aceder. São as semanas excepcionais do ano em que, para muitas pessoas, a sensatez fica para trás. Querem sentir-se bem durante este período — e também depois, ao recordar todas as experiências vividas.

O coronavírus irá libertar-nos do turismo de massas?

Temporariamente, talvez sim. O fenómeno do turismo de massas surge aliás quando um local ou espaço se torna de tal modo atractivo que chama muitas pessoas e, por outro lado, quando é possível para lá viajar a baixo preço e o próprio local não implica o pagamento de uma entrada. Actualmente, não existe turismo de massas — e isso deve-se também à ausência de voos intercontinentais e cruzeiros que, de outro modo, rumam sempre para os mesmos locais.

E mesmo quando a crise sanitária já tiver passado, muitos países terão de enfrentar uma crise económica. A recessão e a incerteza dos rendimentos terão então um papel importante a desempenhar, o que será tóxico para a procura turística. Se não tenho a certeza de ainda ter emprego daqui a seis meses, penso duas vezes antes de gastar dinheiro em viagens. Isto contribuirá seguramente durante muito tempo para diminuir a procura. Ouso no entanto duvidar de que, a longo prazo, o turismo de massas tenha passado à história.

Não será a crise do coronavírus também uma oportunidade de reflectir sobre os problemas gerados pelo turismo de massas e de procurar soluções? Por exemplo, no que toca à sustentabilidade?

Basicamente, no turismo, o tráfego aéreo é o principal factor que prejudica a sustentabilidade. Mas não parece haver líderes que se sintam verdadeiramente responsáveis, basta ver a questão das taxas aplicadas aos bilhetes e às emissões de CO₂. A mobilidade e, conseqüentemente, o tráfego aéreo não são um problema exclusivamente turístico, mas sim um problema básico de sustentabilidade.



Um homem com um cartaz a dizer «Salvem as agências de viagens», em Potsdam. A aliança «Wir zeigen Gesicht! Rettet die Reisebüros – rettet die Touristik!» [Nós mostramos a cara! Salvem as agências de viagens — salvem o turismo!] apelou em Abril aos operadores e agências de viagens de toda a Alemanha que promovessem iniciativas no sentido de obter um pacote de ajudas na crise do coronavírus. © Fonte: Soeren Stache/dpa-Zentralbild/dp

Mas: a discussão em torno da sustentabilidade passou actualmente para segundo plano. Neste momento, lidamos com a sobrevivência financeira do sector do turismo, de empresas, particulares e países inteiros. Urge primeiro resolver muitos outros problemas, pelo que o tema da sustentabilidade sairá provavelmente da ribalta durante algum tempo.

A exigência dos cientistas por debates sobre a sustentabilidade no turismo surge num espaço seguro — ao contrário daquele em que se movimentam as pessoas que ganham a sua vida no mercado livre e que vivem neste momento com a corda ao pescoço. E isso é algo que irá provavelmente dominar os debates num futuro previsível.

Prevê uma vaga de falências, possivelmente em 2021?

As empresas estão sujeitas a um extremo teste de esforço na crise do coronavírus. Haverá seguramente insolvências, mas ainda é difícil estimar se haverá uma vaga de falências ou se apenas determinadas empresas serão afectadas. Neste momento, as medidas de ajuda às perdas económicas causadas pelo Sars-CoV-2 ainda estão a adiar essa possível vaga para 2021. Medidas como a redução do horário de trabalho e ajudas directas para trabalhadores independentes desoneram as contas anuais. Qualquer empresa que possua reservas irá conseguir para já sobreviver a este período. O problema é contudo nas empresas de alojamento, restaurantes, companhias aéreas e teleféricos, que não têm margens de lucro muito elevadas. Ou seja, as reservas serão provavelmente limitadas — e quando estas se esgotarem, as empresas serão provavelmente forçadas a sair do mercado. Estas consequências poderão acentuar-se em 2021.

Artigo original: <https://www.rnd.de/reise/reiseforscher-zu-corona-reisewarnungen-warum-wir-auch-2021-nicht-wie-fruher-reisen-werden-YJ4VUD4A6FB4VGGNNDMUNMCEAI.html>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes